

**MUSA IMPASSÍVEL CUMPRE DESTINO MÍTICO**Anna Maria Rahme<sup>1</sup>**Resumo**

Em 13 de dezembro de 2006, uma movimentada e cuidadosa operação atestada por autoridades, estudiosos, familiares e curiosos em geral acompanhou o traslado da escultura *Musa Impassível* para a Pinacoteca do Estado de São Paulo. Trata-se de uma Alegoria à Poesia em homenagem à poetisa Francisca Júlia, implantada desde 1920 no Cemitério Araçá. A obra de Victor Brecheret, em mármore, é uma estátua hierática que reafirma os valores clássicos na arte tridimensional, unindo matéria, técnica, forma, adereços, suportes. Pode-se mesmo afirmar que o conjunto escultórico corporifica os versos, identificando similaridades entre a peça de Brecheret e o poema “Musa!” escrito alguns anos antes por Francisca Júlia. Em seu fazer artístico, Victor Brecheret incorpora a mitologia e a amplia, associando mãe e filho, feminino e masculino, sensualidade e gestação, classicismo e parnasianismo. A despeito de opiniões contrárias à mudança do *locus*, tem-se a certeza da justa ressurreição promovida pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, nesses tempos de musealização indiscriminada de objetos com pouco ou nenhum valor cultural.

**Palavras-chave:** Musealização, Escultura, *Musa Impassível*, Brecheret

**Resumen**

Al 13 de diciembre de 2006, una agitada y cuidadosa operación atestada por autoridades, estudiosos, familiares y curiosos en general ha acompañado el traslado de la escultura *Musa Impassível* para la Pinacoteca del Estado de São Paulo. Es una Alegoria a la Poesia en honor de la poetisa Francisca Júlia, implantada desde hace 1923 en el Cementerio Araçá. La obra de Victor Brecheret, en mármol, es una estatua hierática que asegura los valores clásicos en la arte tridimensional, agregando materia, técnica, forma, aderezos, pedestales. Se puede mismo afirmar que el conjunto escultórico materializa los versos, identificando similaridades entre la escultura de Brecheret y el poema “Musa!” escrito años antes por Francisca Júlia. En su hacer artístico, Victor Brecheret incorpora la mitología y la amplifica, asociando madre y hijo, femenino y masculino, sensualidad y gestación, clasicismo y parnasianismo. Mientras la diversidad de opiniones al cambio del *locus*, hemos certificado la justa resurrección promovida por la Pinacoteca do Estado de São Paulo, en esos tiempos de musealización sin discernir la validez cultural del objeto.

**Palabras clave:** Musealización- Escultura *Musa Impassível*- Brecheret.

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre na área de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, pela FAU-USP. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi.



Fig. 1. 1923. Victor Brecheret. *Musa Impassível* Mármore. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil. Fonte: foto da autora. Fig. 2. 2007. Victor Brecheret. *Musa Impassível*. Bronze. Túmulo Francisca Júlia da Silva. Cemitério do Araçá, São Paulo, Brasil.

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero  
 Luto jamais te afeie o cândido semblante!  
 Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho; e diante  
 De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero  
 Em tua boca o suave e idílio descante.  
 Celebra ora um fantasma angustioso de Dante,  
 Hora o vulto marcial de um guerreiro de Homero

Dá-me o hemistíquio de ouro à imagem atrativa;  
 A rima cujo som, de uma harmonia crebra,  
 Cante aos ouvidos da alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem com seus místicos ruídos,  
 Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,  
 Ora o surdo rumor de mármore partidos.

A poesia é *Musa Impassível*, concebida por Francisca Júlia da Silva (1874-1920) em 1893 e, igualmente, nomeia a escultura criada por Victor Brecheret (1894-1955) para homenagear postumamente a citada escritora. Atualmente, acolhida pela Pinacoteca do

Estado de São Paulo, essa Alegoria à Poesia preserva a sensação de encantamento mágico fundido a doses de racionalidade, traço peculiar ao artista. O acontecimento artístico da transferência da estátua em mármore de Carrara para o museu da Luz, foi acompanhado de sua substituição por cópia idêntica em bronze, o tombamento da peça original e o lançamento de uma biografia de Francisca Júlia.

Em 13 de dezembro de 2006, uma movimentada e cuidadosa operação atestada por autoridades, estudiosos, familiares e curiosos em geral acompanhou o traslado, partindo do Cemitério Araçá, onde estava implantada desde 1923. Assim, iniciou-se o processo de musealização da escultura de Brecheret, que permanecera exposta às intempéries por mais de oitenta anos, fator responsável pelo acúmulo de sujeira e um visível desgaste em sua superfície. Além de se comprometer com a limpeza da peça, a Pinacoteca do Estado providenciou sua substituição por uma cópia fundida em bronze, material que suporta melhor o desgaste nos espaços abertos.

A idéia do “túmulo comemorativo” partiu do deputado do Partido Republicano Paulista José de Freitas Valle (1870-1958), por ocasião da morte de Francisca Júlia e para realizá-la sugeriu a quantia de quinze mil contos de réis. Conseguiu, em 08/11/1920, a aprovação na Câmara Legislativa do “projeto de lei n. 44” e deu início à tramitação que se completou com a homologação da obra por Washington Luis, Presidente do Estado de São Paulo, ao publicar a aprovação do Poder Legislativo no Diário Oficial de 04/01/1921 e sua construção “ao custo de R\$ 30.000 (trinta mil contos de réis)”<sup>2</sup>. Muito provavelmente a encomenda a Victor Brecheret tenha partido do próprio Freitas Valle, mecenas responsável pelo processo de concessão da bolsa de estudos que levara o artista à França, cidade na qual concebe e esculpi a *Musa Impassível*.

Muito além da simples mudança de endereço, refiro-me aqui ao fato da musealização dessa obra de arte e as naturais consequências acarretadas. À entidade cabe transforma-la em peça do acervo e “elaborar metas e programas para que se efetue o processo museológico”<sup>3</sup>, e, mais do que a recepção, o fichamento, a recuperação e a guarda da mesma, promova sua exposição e garanta “a produção, reprodução e disseminação do conhecimento”<sup>4</sup>. Cumpridas todas as etapas iniciais, a Pinacoteca do Estado tratou de ativar a recepção colocando-a num dos pátios centrais do andar térreo, local privilegiado para sua fruição.

Nota-se a adequação precisa da área escolhida para dispor a peça, posicionando-a de costas para a parede e de frente para o amplo espaço interno aberto, uma provável fidelidade à disposição original. Aqui, porém, a visualização do conjunto escultórico fica ampliada pela possibilidade de olhar a distâncias e ângulos diversos, inclusive desde o andar superior. A livre circulação cria uma visibilidade tridimensional a 270 graus que, somada à ausência do volume da pedra tumular, aproxima o observador dos detalhes das figuras secundárias, bem como possibilita o desvendar do delicado tratamento dispensado à anatomia feminina e à túnica que a recobre apenas parcialmente.

Victor Brecheret transforma a representação da Alegoria à Poesia em musa, transferindo para ela o papel de arauto dos poemas produzidos por Francisca Júlia. Numa só imagem consegue imbricar as características das nove musas descendentes de Zeus e Mnemósine, que pela teogonia grega são destinadas a cantar os feitos do passado e

<sup>2</sup> CAMARGOS, Márcia. *Musa Impassível*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

<sup>3</sup> LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o Moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999, p.266.

<sup>4</sup> Id *ibid*, p.265

comunicá-los às gerações vindouras<sup>5</sup>. Fundem-se, então, a voz sedutora de Calíope, os anúncios triunfantes de Clio, o erotismo e lirismo de Erato, a criatividade e inventividade de Euterpe, a purificação pela tragédia por Melpômene, o consolo e o convencimento por Polímnia, a renovação por Tália, o júbilo de Terpsícore e, finalmente, com Urânia o domínio espacial e temporal do universo.

A presença de alguns sinais aparentes desses poderes intensifica a hipótese de Brecheret pretender reforçar a idéia da deusa primordial, que reunia em si todos os atributos, posteriormente transformada em musa tríplice e, nos mitos mais tardios, em nove<sup>6</sup>. Mas, pode-se também insistir em associar cada atributo a uma divindade em particular e interpretá-lo singularmente. Assim, o estado de avançada gravidez, a um só tempo, recorda e insinua uma Calíope gerando Orfeu – músico, poeta e cantor divino – sendo capaz de mudar o mundo e, interferindo “na própria ordem cósmica”<sup>7</sup>, tratará de eternizar o nome e a obra da poetisa. Menos explicitamente, a gestação traz à lembrança Tália, a primavera, que pela “renovação anual liga-se ao sentido inaugural e à fecundidade”. Já, as vestes diáfanas escorregam sobre o corpo feminino, expandem-se pelos prismas retos que servem de pedestal e pano de fundo e desenhando contornos em movimentos suaves amalgamando poesia e dança, como em gesto de Terpsícore. De todo modo, a *Musa Impassível* cumpre o “destino mítico de preservar a memória e transmitir o que se fez, bem como criar e aperfeiçoar conhecimento”<sup>8</sup>.

A imagem petrificada e hierática reafirma os valores clássicos na arte tridimensional, unindo matéria, técnica, forma, adereços, suportes, corporificando a “Musa” poetizada por Francisca Júlia. As faces da estátua revelam distanciamento da vida terrena e cumprem os dizeres anunciados na estrofe “um gesto sequer de dor ou de sincero luto jamais te afeie o cândido semblante”. Por outro lado, em harmonia, dentro dela há o “hemistíquio”, um Orfeu que canta “aos ouvidos da alma”, dicotomizando morte e vida, esquecimento e preservação. Brecheret incorpora a mitologia em seu fazer artístico e o amplia, agregando força à transformação, quando associa mãe e filho, feminino e masculino, sensualidade e gestação, classicismo e parnasianismo.

Nas mãos da *Musa*, a delicadeza do gesto se contrapõe aos volumes prismáticos, com barras horizontais que ostentam relevos quase imperceptíveis de centauros e anjos, todos seres femininos. A iconografia funerária se completa com o sentido simbólico inerente a essas figuras, as primeiras pelo caráter selvagem e o encargo da educação de jovens<sup>9</sup>, as últimas pela proximidade com as divindades, por guiar o espírito que se desprende do Corpo após a morte, ou ainda, por sua identificação mítica com o Amor e a Vitória<sup>10</sup>. A exemplo da *Ilíada*, Victor Brecheret constrói um discurso, que remete à ordem cósmica, no qual “o papel humano e o poder divino se alternam e se contrapõem”<sup>11</sup>. O escultor garante a memorialidade à poetisa Francisca Júlia, unindo o compromisso com a exemplaridade às fortes emoções, memorialidade essa que sintetiza e acentua algumas poesias da autora, como *Dança dos Centauros*, *Angelus*, *Mármore* e *Esfinges*.

<sup>5</sup> VERNAN, Jean-Pierre. *El universo, los dioses, los hombres*. Barcelona: Anagrama, 2000.

<sup>6</sup> KRAUSZ, Luis S. *As musas*. São Paulo: EDUSP, 2007, p.60-1.

<sup>7</sup> Id *ibid*, p.166.

<sup>8</sup> LOURENÇO, *ibid*.

<sup>9</sup> VERNAN, *ibid*.

<sup>10</sup> RAHME, Anna Maria. *Imagens femininas em memória à vida*. São Paulo: FAUUSP, 2000.

<sup>11</sup> KRAUSZ, *ibid*, p.73.



1923. Victor Brecheret. *Musa Impassível*. Mármore. Túmulo Francisca Júlia da Silva. Cemitério do Araçá, São Paulo, Brasil. Fonte: fotos da autora.

Porque, a rememoração da vida vivida pelo monumento funerário, que “sempre poderá ser grandioso e impressionante, trazendo apelos de eternidade e permanência...”<sup>12</sup>, contraria a morte que causa afastamento e promove o esquecimento. Somos irremediavelmente seduzidos pela impactante brancura marmórea aprisionando-nos na rede oitocentista, que ativa uma monumentalidade ligada “às necessidades políticas do estado nacional e às necessidades culturais da burguesia”, apesar da incompatibilidade “com as nossas sensibilidades política e estética”<sup>13</sup>. A construção, assim situada, parece “garantir a permanência e oferecer baluarte contra a aceleração do tempo, as bases movediças do espaço urbano e a transitoriedade da vida moderna”<sup>14</sup>.

A obra reforça a constatação de que, até meados do século XX, suntuosas conjuntos escultóricos, em bronze e pedra, povoaram os cemitérios públicos da cidade de São Paulo, celebrando a “morte burguesa”<sup>15</sup>, cujas representações expressam emoções de perda e recordam ideais perseguidos<sup>16</sup>. Embora, o caráter monumental seja constante na concepção das peças de Brecheret, notadamente naquelas destinadas aos espaços públicos,

<sup>12</sup> HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, 2ed, p.52.

<sup>13</sup> Id *ibid*, p.55.

<sup>14</sup> Id *ibid*.

<sup>15</sup> VOVELLE, Michel. L'avènement de la mort bourgeoise. In: *L'heure du grand passage: chronique de la mort*. Paris: 1993.

<sup>16</sup> RAHME, Anna Maria. *A representação da “morte burguesa” nos primeiros cemitérios públicos de São Paulo*. México, DF/Morelia: Universidad Autónoma Metropolitana. Anales del VI Encuentro Iberoamericano y Primer Congreso Internacional de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales y Arte Funerário, out/nov 2005.

deve-se prestar atenção aos signos e às formas peculiarmente próximas do universo da homenageada, o *Parnaso*. Identificado como lugar dos poetas desde a Antiguidade, esse local na Grécia Central habitado por Apolo e pelas musas, muito provavelmente suscitou as escolhas das figuras calcadas no Classicismo pelo artista.

Curiosamente, nessa encomenda Victor Brecheret deixa transparecer parâmetros diferentes de outras obras contemporâneas. Seja nas figuras isoladas – *Bailarina* (anos 1920), *Diana Caçadora* (anos 1920) *Fuga do Egito* (anos 1920), *Tocadora de guitarra* (anos 1920), *Portadora de perfume* (1924), *Dançarina* (1925) – ou no grupo – *Monumento às Bandeiras* (maquete exposta a 27/07/1920) – o autor buscava penetrar no contexto das formas geometrizadas do *Art-déco*, construindo um vocabulário com o qual traduz a disposição para a Modernidade. Disposição essa, que irá se enraizar no jovem bolsista, durante os anos que passa em Paris, onde é premiado, em 1923, no Salon d'Automne com o conjunto escultórico *Sepultamento de Cristo*, mais tarde executado em granito e implantado no Cemitério da Consolação.

Guardada a importância das explicações dadas pelos órgãos oficiais envolvidos, essas observações podem contribuir para justificar a mudança de endereço e o tombamento da *Musa Impassível*. O esforço em “trazer a público” e promover a conservação da peça materializada em pedra altamente sensível às intempéries, impedindo a crescente deterioração pelo qual vinha passando sua superfície, cria uma “memorização produtiva”<sup>17</sup>, ou seja, o fato novo imprescindível à memória, dada a transitoriedade desta. Promove-se, então, a preservação do ato poético literário e do plástico fundidos em único monumento, ao retirar as impurezas que recobrem o e resguardá-lo dos efeitos do tempo. Mais ainda, pereniza-se, na cidade de São Paulo, o valor da escritora parnasiana e do escultor revelado na Semana de Arte Moderna de 22. Somados, obra, pranteador e pranteada, tem-se a certeza da justa ressurreição promovida nesses tempos de musealização indiscriminada de objetos com pouco ou nenhum valor cultural.

### Referências Bibliográficas

CAMARGOS, Márcia. *Musa Impassível*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, 2ed, p.35-56.

KRAUSZ, Luis S. *As musas*. São Paulo: EDUSP, 2007.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o Moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999, p.61/67.

RAHME, Anna Maria. *Imagens femininas em memória à vida*. São Paulo: FAUUSP, 2000.

RAHME, Anna Maria. *A representação da “morte burguesa” nos primeiros cemitérios públicos de São Paulo*. México, DF/Morelia: Universidad Autonoma

Metropolitana. Anales del VI Encuentro Iberoamericano y Primer Congreso Internacional de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales y Arte Funerário, out/nov 2005.

VERNAN, Jean-Pierre. *El universo, los dioses, los hombres*. Barcelona: Anagrama, 2000, p.219.

VOVELLE, Michel. L'avènement de la mort bourgeoise. In: *L'heure du grand passage: chronique de la mort*. Paris: 1993.

---

<sup>17</sup> HUYSEN, *ibid*, p. 37.